

## Editorial

Neste novo número da *Caletroscópio*, integralmente dedicado aos estudos literários, publicamos textos que abordam uma diversidade de temas e de autores.

Neste ano de 2019, festeja-se o centenário da visita do poeta modernista Mário de Andrade às cidades históricas mineiras. Inspirados nessa empreitada de descoberta do Brasil, Manuel Bandeira e Cecília Meireles também fazem uma viagem a Minas Gerais e produzem diversos textos sobre esse roteiro, tema do artigo “Itinerários de dois poetas em Ouro Preto: Manuel Bandeira e Cecília Meireles”, de Luís Antônio Contador Romano (Unifesspa).

Se nessas viagens dos modernistas temos uma redescoberta da paisagem colonial de Minas Gerais, por sua vez, “*Belém do Grão-Pará: Signos da ruína e da decadência no romance de Dalcídio Jurandir*” aborda as ruínas de outro momento de ascensão econômica brasileira: o ciclo da borracha na Amazônia. Nesse texto, Ivone dos Santos Veloso (UFPA) e Alex Santos Moreira (UFPA) analisam o romance do autor paraense, publicado em 1960, a partir da obra de Walter Benjamin, com a finalidade de demonstrar o quanto a Belém representada pode ser lida pelo signo das ruínas; ou seja, como indício de um passado que ainda resiste, de uma realidade construída a partir dos destroços da *Belle Époque*.

A modernidade da *Belle Époque* no Brasil está tematizada no artigo seguinte, “O *spleen* em Baudelaire e Lima Barreto: confluências e dissonâncias frente à modernidade”. Marília Köenig (Senac-SC) compara a obra do escritor brasileiro às percepções sobre a modernidade de Charles Baudelaire a partir do conceito de *spleen*.

Dois artigos neste número tratam de literatura portuguesa e de um certo tipo de acesso ao real por meio de mecanismos ficcionais específicos. Em “Ficção e história em *A viagem do elefante*, de José Saramago”, Adrieli Aparecida Svinar Oliveira (UFGD) e Gregório Foganholi Dantas (UFGD) abordam o penúltimo romance do escritor português José Saramago para discutir como essa narrativa metaficcional lança mão, por exemplo, de personagens fictícios, na construção de um romance histórico. Em “Cotidianos caleidoscópicos em Lobo Antunes”, Rodrigo Ordine (Unilab) analisa personagens de dois dos romances (*O Manual dos Inquisidores*, de 1998, e *A Morte de Carlos Gardel*, de 1994) do escritor português a fim de tentar compreender como ocorre a performatização do cotidiano e do real na literatura.

A literatura de língua inglesa está também representada nesta edição em dois artigos. Fernando Villatore (UFPR), em “Romantismo e modernismo: da personalização à despersonalização do sujeito poético”, compara os textos críticos de William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e T. S. Eliot para, assim, compreender os processos de personalização e despersonalização do sujeito poético na poesia romântica e moderna. O número é encerrado com “Há tão pouco a dizer: deslocamentos da memória em *Dias felizes e em Hamlet*”, em que Gleydson André da Silva Ferreira (UFOP) aborda o aspecto da corrosão subjetiva na peça *Dias felizes*, de Samuel Beckett, e de *Hamlet*, de Shakespeare a partir do estudo de personagens.

**Mônica Gama**  
**Dayane de Oliveira Gonçalves**